

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTES
PRODUÇÃO CULTURAL

AMANDA WANIS TEIXEIRA

AS CIDADES DO CONHECIMENTO E DA CULTURA
Um novo olhar sobre as cidades do século XXI

Niterói
2009

AMANDA WANIS TEIXEIRA

AS CIDADES DO CONHECIMENTO E DA CULTURA
Um novo olhar sobre as cidades do século XXI

Categoria: Monográfica e Ensaística

Objetivo: Graduação em Produção Cultural; trabalho de fim de curso

Universidade Federal Fluminense

Matéria: Planejamento Cultural

Palavras-chave: cidade; espaços públicos; virtualidade;
cultura e conhecimento

Orientadora: Vanessa Rocha

Niterói, 2009

AMANDA WANIS TEIXEIRA

AS CIDADES DO CONHECIMENTO E DA CULTURA
Um novo olhar sobre as cidades do século XXI

Categoria: Monográfica e Ensaística

Objetivo: Graduação em Produção Cultural: trabalho de fim de curso

Universidade Federal Fluminense

Matéria: Planejamento Cultural

Palavras-chave: cidade; espaços públicos; virtualidade;
cultura e conhecimento

Data da defesa: ____/____/____

Banca:

José Maurício Alvarez, Professor Doutor da Universidade Federal Fluminense

Luiz Augusto Rodrigues, Professor Doutor da Universidade Federal Fluminense

Vanessa Rocha, Professora da Universidade Federal Fluminense

Dedico este trabalho a meus pais Eduardo e Aparecida por poderem me dar todo o estudo de minha vida, o que para vocês foi somente, para mim é tudo.

Dedico este trabalho também a meu namorado Vinicius Sertã por todo o carinho e atenção não somente durante a realização desse trabalho, mas durante todo o curso de minha graduação. Pelas ajudas incansáveis, esta conquista também é sua.

Agradeço a minha Orientadora Vanessa Rocha não somente por ter aceitado a orientação, mas por todos os momentos de atenção e principalmente os de força quando tudo parecia impossível.

Agradeço aos amigos Carolina, Érica, Gustavo e Fernanda pelos momentos de alegria e desabafos acadêmicos.

Agradeço aos professores José Maurício e Luiz Augusto, não somente por pertencerem a minha banca, mas pela grande influência que tiveram para mim na escolha deste trabalho.

“É necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela”.

Nietzsche

Resumo

Este trabalho põe em questão as diversas formas em que as cidades já foram vistas e pretende levantar a discussão sobre como construiremos as cidades do século XXI. Neste sentido, para se perceber a importância dos conceitos de *Cidade do Conhecimento* e da *Cultura* como possíveis alternativas para uma nova visão de cidade bem como para a construção da mesma, é fundamental falar sobre a evolução das cidades, sobre as problemáticas urbanas atuais e sobre a revolução tecnológica vivida nas últimas décadas.

Abstract

The aim of this work is to call the attention for the several ways throughout cities have been viewed. Furthermore, it wants to raise a discussion about how to build the cities of the XXI century. Then, to understand the importance of the concepts of *City of Knowledge* and *Culture* as possible alternatives to a new vision of the city and its construction, it is essential to talk about the evolution of cities, the urban issues and the current technological revolution experienced in recent decades .

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO:	7
II – CONTEXTO HISTÓRICO DO FINAL DO SÉCULO XIX E SÉCULO XX:	10
III – AS CIDADES, OS ESPAÇOS PÚBLICOS E A GLOBALIZAÇÃO:	17
1. As Cidades Latino-americanas.....	18
2. Espaço Público.....	21
IV – A ERA DA INFORMAÇÃO E AS NOVAS CIDADES COMUNICACIONAIS: .	25
1. Multívíduos e a Revolução Telecomunicacional	25
2. A Revolução tecnológica e seus efeitos na sociedade.....	28
3. As cidades do conhecimento e da cultura	32
V – ALGUMAS PRÁTICAS QUE MERECEM ATENÇÃO:	35
VI – CONCLUSÃO:	43
VII – BIBLIOGRAFIA	47

I – INTRODUÇÃO:

As cidades são pontos nodais de comunicação que, em seu início, apresentavam-se como pequenas aldeias. Essas nasceram para atender à necessidade de existir um ponto de encontro e de trocas, principalmente de caráter comercial. Com o crescimento das aldeias e de sua população, conseqüentemente, observou-se o aumento da complexidade não só do espaço físico, mas também das relações interpessoais. Destas relações surgiram os imaginários coletivos e a cidade propriamente dita. Portanto, o conceito de cidade com o qual relacionarei todo o meu estudo está além de um espaço físico dividido em ruas, prédios ou casas. Cidade, aqui, é o ponto central de todos os acontecimentos sociais, é o pensamento que a constrói, é a dinâmica dos sujeitos que a ocupa, é a memória coletiva e a criatividade social convertida nas vias ou vozes dos edifícios, casas, festas e monumentos.

No entanto, a partir da construção da sociedade de consumo, observamos uma mudança na concepção de cidade. Desde o século passado, percebemos a cidade como um espaço físico que deve ser modernizado para acompanhar as transformações globalizantes e homogeneizantes defendidas no século XX. Neste pensamento moderno, a cidade se reduz a suas construções arquitetônicas, independentes de seus valores simbólicos. Os cidadãos são considerados apenas consumidores e, com isso, o poder de produção coletiva desses sujeitos é renegado em prol do poder produtivo das indústrias.

O planejamento das cidades modernas não contempla a multiplicidade cultural nem o encontro espontâneo entre pessoas. Toda a cidade passa a se estruturar como

espaços de passagem. As ruas, por exemplo, locais vivos de permanência e encontro de cidadãos, priorizam os automóveis. As praças e passeios públicos que, outrora eram Ágoras - nas quais se discutia questões relevantes à cidade e às pessoas que nelas viviam -, hoje, nos grandes centros brasileiros, estão trancados à grade sob o discurso da proteção e vigilância.

Estamos deixando a era industrial e estamos entrando na era da informação. A revolução tecnológica pela qual estamos passando tem transformado fundamentalmente nossa maneira de nos relacionarmos e a forma de construirmos a cidade. As novas ferramentas tecnológicas têm alargado as possibilidades de interações entre os sujeitos e entre esses e os sistemas de conhecimento. Ferramentas como a internet possibilitam que o cidadão deixe de ser visto como consumidor e seja novamente o produtor, ator das transformações sociais. No entanto, os meios multimídias não são distribuídos de forma igualitária, muito menos as possibilidades de uso desses. Neste sentido, a decisão de não utilizar ou como e quando utilizar as novas tecnologias para otimizar as funções da cidade pode sufocar o seu desenvolvimento, principalmente quando esta decisão parte apenas dos poderes municipais. Mas, quando a decisão de incentivar o uso dessas tecnologias vem de modo planejado e em consonância com a população, elas podem mudar o destino das cidades.

A partir dessas transformações tecnológicas e das necessidades de se solucionar os problemas crônicos das cidades, é preciso mudar a forma com que entendemos e construímos essa cidade, é preciso resgatar o cidadão-como-artesão¹. É preciso tirar o sujeito do estado anestésico para que comecemos a pensar em que cidade vivemos, que cidade queremos construir para o século XXI, o qual já deixou de ser cenário de ficção científica e se transformou em realidade para nós.

Neste sentido, com este trabalho, pretendo colocar em questão algumas alternativas às cidades que hoje conhecemos. *As Cidades do Conhecimento e da Cultura* vêm sendo debatidas por muitos intelectuais. Algumas cidades das Américas e

¹ Sennett, 2008

da Europa, como Toronto, por exemplo, apostam, há 35 anos, na cultura como uma forma interessante de construir a cidade. O surgimento das novas ferramentas tecnológicas potencializa em muito o poder de diálogo e a multiculturalidade neste e deste território chamado CIDADE.

II – CONTEXTO HISTÓRICO DO FINAL DO SÉCULO XIX E SÉCULO XX:

Para fazer uma análise sobre a necessidade de se mudar a concepção e a forma de construção das cidades, julgo necessário fazer uma rápida retrospectiva histórica, não exatamente da formação das cidades, mas das transformações pelas quais elas passaram nos últimos séculos, especialmente na era pós-industrial. Para entendermos os rumos que as cidades tomaram neste século, me deterei mais fortemente às análises das transformações que ocorreram no final do século XIX e no século XX em algumas cidades européias, mas Latino-americanas, principalmente.

No entanto, não posso deixar de perceber que as cidades como conhecemos hoje e a idéia de espaço público tiveram início ou ressurgimento - como o próprio nome supõe - na Renascença, entre os séculos XV e XVI. Com a decadência do feudalismo e ascensão da burguesia, “as cidades se construíram à volta de encruzilhadas ou de espaços de comunicação, tendo como finalidade três grandes funções: a acumulação, a interligação e a governação” (Lévy, 2002). Na cidade clássica, a praça pública, as ruas, o mercado, o templo, a igreja, a escola e a universidade permitiam trocas de bens materiais e de informações. A Cidade é um sistema de comunicação, é um espaço público privilegiado de trocas e interação.

Segundo Sennett [2002], essa noção de público significava a vida que passa fora da vida em família e dos amigos íntimos. Na vida pública, grupos sociais complexos e

distintos teriam que entrar em contato obrigatoriamente. E o centro desta vida pública burguesa seria o capital. Sennett afirma ainda que essa mudança na forma burguesa de viver, essa nova linguagem urbana e seu crescimento a partir do século XVIII provocaram uma mudança de comportamento e, na medida em que as cidades cresciam e desenvolviam-se, as redes de sociabilidade fora do controle direto do rei aumentavam, assim como os locais onde estranhos podiam se encontrar. Nesta época, houve um grande crescimento do número de parques urbanos, o surgimento de cafés e bares, sendo observado também a primeira iniciativa de se abrir ruas apenas para pedestres como forma de lazer. Ainda nessa época, a ópera e o teatro se abriram para o uso da população como um todo devido à venda aberta de ingressos em substituição ao costume de o patrocinador aristocrata distribuí-los. Esses costumes de utilizar a cidade para momentos de sociabilidade deixaram de ser uma exclusividade da elite e tornou-se um hábito até para as classes de trabalhadores.

A utilização das cidades e de seus espaços públicos tampouco era equânime ou justa. Procurava-se criar modalidades de discursos e até mesmo vestuários que ordenassem a nova situação urbana e que demarcassem essa vida. Regras de comportamento e interações públicas foram criadas para se manter a distinção entre a vida pública e a privada, neste momento, sinônimo de familiar.

Com as mudanças nos modos de produção e o aumento do número de fábricas no final do século XVIII, os mercados urbanos precisavam ser diferentes dos seus predecessores medievais e renascentistas devido ao aumento da oferta de produtos e da competitividade. Era necessário atrair a atenção de um grupo mutável e completamente desconhecido de compradores. Nas feiras, não raro, os vendedores tinham que lançar mão de sua teatralidade para não só atrair o comprador, como também para convencê-lo a comprar e negociar o preço. Nesse sentido, o processo de trocas comerciais se tornava um palco de interações interpessoais. No entanto, conforme a economia de mercado se expandiu, as relações de mercado “tornaram-se mais racionalizadas, os negócios eram realizados em escritórios ou lojas, de uma forma cada vez mais impessoal” (Sennett, 2002).

Já no século XIX, conforme o crescimento populacional urbano, as pessoas foram perdendo cada vez mais o contato funcional umas com as outras. Os centros ficaram densamente povoados e novas habitações foram sendo construídas nas periferias das cidades. Nesse momento, por exemplo, tanto as classes operárias de Paris vão deixando o centro em prol da periferia, como as classes burguesas vão procurando outras regiões para se distinguirem da massa de camponeses atraída para a cidade. O centro da cidade se esvazia em proveito dos escritórios, fato que iria acontecer em outras cidades no século XX, principalmente nos grandes centros da América Latina.

Neste período industrial, Lefebvre afirma que a consciência social deixa de se referir à *produção* – material e simbólica - para se centralizar em torno do *consumo*. O valor de *uso* da cidade - a cidade e a vida urbana, o tempo urbano - é preterido pelo *consumo* da cidade - os espaços comprados e vendidos, o consumo dos produtos, dos bens, dos lugares e dos signos. Segundo o autor, há um século e meio, o processo de industrialização tem sido o motor das mudanças sociais.

Com o crescimento das cidades e o fortalecimento da industrialização, a vida urbana, que pressupunha encontros, confrontos de diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos dos modos de viver dos “padrões” que coexistiam na cidade, transformou-se em uma área de passagem cuja mola mestra é o trabalho, a industrialização e o consumo. Assim, não posso deixar de enfatizar que a cidade se tornou um palco para as lutas de classes acentuadas no século XX. E neste processo, os espaços públicos foram criados para o controle da vida social pelo Estado, tal qual a *Trafalgar Square* de Londres, que surgiu na metade do século XIX como um parque de esculturas em que as obras de arte representavam as vitórias militares. Muitas das revitalizações urbanas do século XIX e XX não tiveram razões puramente estéticas ou urbanísticas, mas sim foram uma forma de controlar as revoltas operárias, como aconteceu na Paris de Haussmann. No mesmo período, a comunicação do espaço urbano se dava em via única: do Estado para o cidadão como forma de imposição de ordem e poder.

Esses processos se intensificaram durante o século XX, encontrando nesse momento o auge da era industrial. No entanto, o apogeu industrial desencadeou uma série de transformações, não só na vida econômica ou política, mas também na estrutura social. Essa nova estrutura social estava associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção do século XX (Castells, 1999).

Com isso, é importante destacar algumas características das cidades Latino-Americanas. Embora não tenham passado pelas mesmas transformações sociais que as cidades européias devido ao processo de formação específico de cada uma delas, essas cidades seguem os modelos de cidade de suas metrópoles. A disposição geográfica dessas cidades fomentou a convivência interétnica (Canclini, 2003), apesar de existir uma separação entre bairros ricos e pobres, entre centro e periferias. Outro fator importante nesse processo de mudanças na concepção e construção das cidades durante o século XX,- agora não somente nos países Latino-Americanos, porém mais intensamente nesses - é a abertura às idéias de modernização das cidades, que destruíram parte das referências simbólicas na tentativa de revitalizar os centros aos moldes do capitalismo e das cidades globais.

Não só neste processo, mas em vários outros momentos da história, vimos o Estado ser responsável pela construção da identidade nacional e da vida urbana. Os bens simbólicos, muitas vezes estimulados e dirigidos pelos governos, contribuíram para a unificação dessa identidade. A legitimação das artes plásticas, da música e do cinema determinou a formação de um patrimônio cultural que propôs síntese iconográfica às cidades. A vivência na cidade determinava a identidade individual de seus cidadãos. Contudo, isso foi desagregado com as transformações globalizantes do final do século XX.

O processo globalizador e, por vezes, homogenizador em conjunto com a transformação das médias cidades Latino-Americanas em megalópoles atuais, foi provocando outras mudanças demográficas e socioeconômicas nos campos da informação e do entretenimento. Esses receberam pouca atenção das políticas culturais

em detrimento à valorização do consumo e dos complexos econômicos e comerciais. O desenvolvimento industrial não induziu à criação de museus, de livrarias, nem de salas de espetáculos, existindo poucos parques e locais de lazer. Só o rádio e a televisão, além de algumas bibliotecas públicas, oferecem alguma atividade para o tempo livre. É, principalmente, nos meios de comunicação de massa que se desenvolve o espaço público para a população (Canclini, 2003).

É certo que a análise da falta de opção de atividades comunicacionais e socializantes na cidade não podem ser relacionadas apenas à falta de espaços públicos, mas também ao deslocamento do eixo da vida social para o trabalho e para o consumo. Afinal, embora ainda em discussão, o motivo pelo qual a televisão se tornou uma das principais formas de entretenimento do século XX, logo que apareceu no cenário histórico, deve-se ao cansaço gerado pelos longos dias de árduo trabalho além da falta de alternativas para o envolvimento pessoal/cultural².

A sociedade de consumo que se configurou em meados do século XX proporcionou um aumento no custo de vida uma vez que as necessidades e desejos de consumo mudavam a cada instante. Desse modo, o tempo dedicado ao trabalho para acompanhar essa cidade de consumo é aumentado de modo que vemos a maior parte da população, principalmente dos países periféricos, trabalhando para pagar dívidas já contraídas pelo consumo desenfreado. Essa nova relação com o trabalho, que hoje possui uma relação flexível de jornadas, horários e locais de trabalho, cria amarras invisíveis entre o homem e seu trabalho, entre o momento de lazer, de trabalho e de descanso. Segundo Richard Sennett [2008], o cidadão-como-artesão teria se esforçado para entender como funciona o novo mundo ao seu redor e, quando a democracia passa a ser moldada pelo consumo e voltada para facilitar a vida do usuário, essa vontade desaparece e o cidadão deixa de ser produtor, peça ativa na criação de sua sociedade e passa a se tornar apenas um cidadão-como-consumidor.

² Castells, 1999. página 416

Todo esse processo de globalização, a implementação de Estado mínimo, a massificação da sociedade e a individualização do sujeito observados no século XX e início do XXI proporcionaram mudanças na construção das cidades modernas. O crescimento quantitativo de imigrantes e o aumento da insegurança nas cidades, principalmente nas Latino-Americanas, levaram ao entrincheiramento em condomínios fechados e à privatização dos espaços públicos. Nas décadas de 80 e 90, assistimos à minimização do Estado e, conseqüentemente, ao abandono dos espaços públicos e à decadência de inúmeros centros de cidades³.

As cidades modernas contemplam a guetificação não apenas de sua população, mas também dos usos que se faz dela. Os centros perderam sua importância econômica e também simbólica. As novas áreas urbanizadas não têm espaços públicos de sociabilidade e seu planejamento tem como objetivo atender uma única função, seja de moradia, seja de comércio ou de indústria. O sistema público de transporte adotado estimula a individualização; grandes centros empresariais ou de comércio são construídos para concentrar as atividades; vê-se a decadência de cinemas, teatros e comércios de rua. Nesse sentido, a dinâmica da cidade se torna setorizada e, por vezes, isolada dificultando a espontânea sociabilidade entre seus habitantes.

Esse fenômeno de isolamento das cidades veio acompanhado das tecnologias em rede que, de uma forma ou de outra, tentam superar esse isolamento urbano mesmo que muitas vezes seja este um dos fatores do isolamento. Muito embora os relacionamentos virtuais não substituam os físicos, a sociabilidade virtual vem permitindo a quebra desses limites urbanos, estimulando interações jamais possíveis sem esse sistema de redes. Por isso, a Internet, mais do que um artefato tecnológico inovador, estabelece um novo espaço e tempo de interação social, dentro dos quais emergem formas novas e diferenciadas de sociabilidade (Guimarães, 2008).

³ É importante ressaltar aqui que não só o Estado mínimo desencadeou um processo de esvaziamento do espaço público. Em alguns momentos, os Estados máximos também estiveram à frente desses processos, como, por exemplo, nos regimes fascistas e/ou ditatórias, uma vez que o medo provocou a reclusa dos cidadãos. No entanto, não cabe aqui desenvolver esta análise.

Nesse sentido, o paradigma da tecnologia da informação e das formas assim como os processos sociais estão transformando a noção tanto do espaço quanto a do tempo. Neste século, estamos vivendo uma nova forma de desenvolvimento urbano, diferente do individualismo, voltados para o crescimento apenas da economia, isto é, para a maximização da produção, assistido até então. Estamos na era do informacionalismo que visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação.

“Embora graus mais altos de conhecimentos geralmente possam resultar em melhores níveis de produção industrial, é a busca por conhecimentos e informação que caracteriza a função da produção tecnológica nessa era informacionista. Estamos passando da cidade industrial para a cidade comunicacional” (Castells, 1999).

III – AS CIDADES, OS ESPAÇOS PÚBLICOS E A GLOBALIZAÇÃO:

“cada pessoa tem uma cidade que é uma paisagem urbanizada de seus sentimentos”

García Monteiro

Dentre tantas definições sobre o que seja a cidade, com uma me simpatizo mais: a cidade como sendo *a projeção da sociedade sobre um local* (Lefebvre, 2008). Ou seja, a cidade não é apenas o lugar físico em que se delimita, mas também o pensamento que a constrói. Neste sentido, Lefebvre distingue a idéia de cidade da idéia de urbano, sendo o segundo a realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico e a primeira, a realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas e reconstruídas pelo pensamento. A cidade é dada pela dinâmica dos sujeitos que a ocupa, sua realidade é criada pelo jogo de cada um e todos, pelas possibilidades da multiplicação surpreendendo a imaginação. A cidade é coletiva, plural, caleidoscópica, polifônica.

No entanto, o limite entre uma coisa e outra não é tão clara e por vezes se confunde uma vez que a cidade se apodera das significações existentes, sejam elas políticas, religiosas ou filosóficas. A cidade se apodera delas para dizer ou expô-las pelas vias ou pela voz dos edifícios, dos monumentos, pelas ruas, pelas praças, pelas teatralizações espontâneas dos encontros que nela se desenrolam, sem esquecer-se

das festas e cerimônias. É como se a cidade tivesse sua própria ordem do discurso. No entanto, é importante ressaltar aqui como esse discurso tem sido construído desde o século passado e como isso se reflete no cotidiano dos seus habitantes.

1. AS CIDADES LATINO-AMERICANAS

As cidades Latino-Americanas contaram com um processo de formação semelhante, portanto pode-se generalizar tal formação para facilitar a análise embora saiba que toda e qualquer uma delas guarda suas especificidades. É sabido ainda que tais cidades seguiram o modelo europeu que de uma forma ou de outra tentava a integração interétnica, mesmo com a divisão de bairros ricos e pobres, entre habitantes e migrantes que chegaram em forte escala nos países latinos, sobretudo no Brasil.

No entanto, no início do século passado observamos processos de modernizações urbanísticas que tentaram revitalizar os centros levando para a periferia a população de baixa renda. Como exemplo clássico, podemos analisar a antiga Avenida Central e a atual Rio Branco, no Rio de Janeiro, que foi construída a partir da demolição do Morro do Castelo e da retirada das famílias de baixa renda que ali moravam.

Este processo gerou o início da setorização das cidades. Claro que nenhum processo possui uma única análise e, portanto, é preciso levar em consideração, principalmente, o fortalecimento das idéias capitalistas e com elas a concentração da renda e a desigualdade social. Esse quadro de abismo social gerou o medo e a reclusão/afastamento das classes sociais mais enriquecidas das mais empobrecidas. Vemos então um processo de segregação não só social, mas também geográfica.

Além da separação geográfica-social das classes, houve também, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, a idéia de que modernização significava a substituição do antigo pelo novo. Nesse sentido, prédios, lojas, museus e bibliotecas as quais definem a dimensão da acumulação ou de memória da Urbe⁴ foram substituídos por outras construções mais “modernas” que nem sempre harmonizavam com a cidade ou

⁴ Do Latim *Urbis* – cidade.

com a construção simbólica dela. Hoje, poucos prédios do século passado ainda se encontram na Avenida Paulista em São Paulo, por exemplo. E as memórias mantidas são geralmente as que elucidam um passado de ordem e poder, como os grandes prédios monumentais da ex-capital federal: a Assembléia Legislativa ou o Palácio Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Essa modernização se preocupou principalmente em arrumar a indústria e organizar empresas, sendo a sociedade moderna pouco capaz de resolver as problemáticas urbanas, dos excedentes populacionais, de transportes públicos, das moradias ou privatização dos espaços públicos e da setorização da cidade com a construção de grandes complexos comerciais, como foi o caso da já citada Avenida Rio Branco – que, em sua construção, priorizou a alocação de boutiques, cópia do modelo Parisiense, em prol das famílias que ali habitavam para reproduzir a *Belle Époque* nesta avenida e a *Ópera Parisiense* com a construção do Teatro Municipal.

As medidas modernizadoras adotaram técnicas que apenas prolongaram os problemas gerados no século passado. O urbano perdeu suas características de apropriação simbólica e os ares de globalização e internacionalização modernos traduziram em homogeneização o que antes era diversidade, principalmente com a chegada de imigrantes e a hibridização de novas culturas. O uso maciço do automóvel, a cultura de massa - enquanto homogeneização - e a violência urbana isolaram os indivíduos, esfumaçaram as vizinhanças e enfraqueceram as comunidades.

No entanto, segundo Canclini [2003], a concepção urbanística integradora não acabou de todo, pois a cidade ainda é um espaço para fazer circular informação e comparar experiências. As passeatas e manifestações, os protestos de trabalhadores e estudantes, de mulheres e vizinhos, as rádios comunitárias e as televisões transnacionais são acontecimentos urbanos, enunciações que surgem das cidades e falam, sobretudo do que se vive nelas e entre elas. Resta-nos questionar que tipo de informação circula na cidade, pois nessa sociedade de informação e vigilância, as políticas de distorção e ocultamento que se manifestam como estratégias governamentais e midiáticas na concentração da informação excluem a amplos setores até torná-los invisíveis.

Nesse processo globalizante e homogeneizante, vemos o surgimento de *não-lugares* – espaço consumido e observado, de movimento e indiferença - em detrimento de *lugares* – espaço usado e vivo, de pausa e de contato. Os padrões urbanos implementados visam garantir a circulação de mercadorias e o disciplinamento social e espacial, alterando firmemente os padrões de sociabilidade.

Muito embora os processos globalizantes tendessem a uma homogeneização dos modos de vida, assistimos à sobrevivência, em parte surpreendente, da multiplicidade de identidades – tema que será discutido no próximo capítulo. Junto a esse processo, para entendermos as novas cidades que parecem apontar neste início de século, é preciso admitir as combinações de misturas de usos que uma cidade pode gerar em oposição à setorização implementada no último século. Para retomar a cidade enquanto espaço de uso, produção e comunicação é preciso articular uma variedade de usos seja residencial, comercial ou de lazer dentro de um espaço determinado. Segundo Jacobs [2001], há quatro condições indispensáveis para gerir essa diversidade. Uma delas é o estímulo às pessoas para que saiam de casa em horários diferentes, que estejam nos lugares por motivos diferentes, mas que sejam capazes de utilizar boa parte dessa infra-estrutura. Outra delas é que os quarteirões sejam curtos e que estimulem o andar a pé e, com isso, possibilite o encontro. Ela afirma ainda que a combinação de edifícios com idades e estados de conservação diferentes pode resolver a dualidade entre a modernização e a memória do patrimônio cultural das cidades. Afinal, *diversidade gera diversidade*.

É preciso mudar a concepção e a forma com que se constroem as cidades não só fisicamente, mas também simbolicamente. É preciso redescobrir a cidade, não como somente um objeto arquitetônico, mas construir um *lugar*, o que não é feito através de verdades técnicas que só especialistas dominam. É necessário estabelecer um diálogo permanente entre e com todos os usuários do espaço urbano, criar ações compartilhadas para que a multiplicação e a complexificação das trocas, em seu sentido amplo, possa ganhar um lugar privilegiado e que esses momentos de encontro estejam livres da lei do mercado e do consumo.

Lefebvre [2001] diz que a cidade é uma *Obra*, não uma obra no sentido material, mas sim uma obra de arte no sentido que tanto a cidade quanto a arte pertencem a um processo de produção e reprodução de seres humanos para seres humanos. Nesse sentido, a cidade tem uma história que é construída pelas pessoas e grupos que nela desenvolvem suas atividades. A cidade da Idade Média, por exemplo, possuía o valor de *uso*, embora fosse criada para as *trocas* comerciais; no entanto, eles a criaram para que fosse animada, que a principal função das ruas e praças fosse a festa; os mercadores e banqueiros que nela viviam amavam sua cidade como uma obra de arte. Essa foi a obra deles. Agora eu pergunto: se a cidade é a produção de um período histórico de e para pessoas, levando em conta os processos culturais e os imaginários dos que a habitam, qual *obra* queremos criar? Que cidade estamos construindo?

2. ESPAÇO PÚBLICO

Para falar sobre a cidade e as mudanças que ela vem sofrendo, sinto a necessidade de acentuar a discussão sobre os *Espaços Públicos* existentes ou não em uma cidade. Os espaços públicos são lócus de sociabilidade, locais que costumavam ser cenários de acontecimentos importantes de vida comunitária, onde as pessoas se reconheciam, mesmo que não se conhecessem. Assim como afirma Teixeira Coelho⁵ [2008], o espaço público é aquele em que é possível construir o eu comum e não o individual, sem a qual é impossível a consolidação da convivência na cidade. O espaço público é lugar onde se contam histórias: as pessoas, umas às outras; a cidade e o espaço às pessoas. O espaço público e arte pública mantêm uma relação forte e específica: uma vez que a obra de arte propicia a criação de espaço de convivência, ela pode preparar estruturas de encantamento na cidade, tornando-a uma obra aberta, como afirma Lefebvre.

No entanto, nos últimos anos, o medo e a intolerância transformaram esses espaços em esqueletos arquitetônicos de simples passagem para os habitantes: a

⁵ Coelho, Teixeira. In: Oliveira, 2008.

praça pública moderna tornou-se impessoal. As classes mais altas entenderam que exercer sua cidadania consistia em isolar-se da conflituosidade urbana mediante a privatização de espaços supervigiados e a restrição das sociabilidades ou dos encontros indesejáveis (Canclini, 2003). A população como um todo buscou no interior de suas casas a compensação da impessoalidade da cidade. A visualidade multicultural é substituída pela reclusão compartimentada.

Nesse contexto, não posso deixar de chamar a atenção para a gestão da cidade dos últimos 50 anos que transferiu as atividades antes realizadas em espaços públicos para os espaços privados. Esses espaços são apropriados por grupos ou instituições que os tornam inacessíveis à população geral. Os espaços que, no entanto, continuam a ser públicos, no sentido de espaço físico aberto à população, acaba por se deteriorar e perder sua vitalidade, deixando de propiciar encontros espontâneos e desinteressados. Permanecer em um desses locais, por qualquer espaço de tempo que seja, nos gera um enorme desconforto.

No Brasil, principalmente, vemos o cercamento das praças e a utilização de alguns passeios públicos como morada por moradores de rua e para ações de vandalismos e violências. O incentivo à passagem e não à permanência, característica das cidades deste século, gera uma mudança brutal nas formas de ocupação do espaço público e o culto ao automóvel agrava ainda mais o isolamento e a passagem despercebida pela cidade.

Com a decadência ou o esvaziamento dos espaços públicos, os megacentros comerciais das cidades acabam por ocupar o papel cultural. Esses complexos comerciais oferecem cenários para o consumo onde a monumentalidade arquitetônica é associada ao passeio e à recreação. Configuram-se novos signos de distinção e diferenciação simbólica para as classes altas e médias, valorizam-se o papel dos produtos e marcas transnacionais na satisfação de necessidades. Muitos shoppings incluem ofertas especificamente culturais, tais como multissalas de cinema, livrarias, lojas de discos, videogames, espetáculos musicais, exposições de arte e áreas de lazer. Com projeto atraente, segurança e higiene, fazem com que seus espaços transcendam sua finalidade comercial e sirvam para o encontro e a socialização,

especialmente para os jovens (Canclini, 2003). Nesse processo, assistimos a decadência dos comércios, cinemas e teatros de rua. E as ruas, principais espaços públicos da cidade, passam a ter como principal função a passagem de automóveis e ônibus.

Embora haja a tentativa de se internacionalizar todo e qualquer espaço, o espaço urbano não é apropriado por todos de igual modo. Essa apropriação oscila de acordo com a vivência nesse contexto urbanizado a partir de uma multiplicidade de lugares dispersos. Hoje, no entanto, as cidades são formadas por valores dominantes na qual as únicas grandes edificações artísticas e públicas são museificadas ou restritas, sem nem sempre refletir as construções simbólicas daquela sociedade. Nesse sentido, é necessário compreender os sujeitos, as tensões e rupturas sociais para poder propor uma estética mais ampla e aberta aos espaços públicos. É necessário que a cultura esteja integrada à construção da cidade e que os planejamentos urbanos também levem em consideração não apenas questões técnicas, mas chamem a população a propor junto as soluções para as problemáticas urbanas. São essas práticas que vão preencher de sentido o viver na cidade, através dos intercâmbios e encontros entre os cidadãos.

Muito embora não seja comum esse tipo de consulta/participação popular nos planos urbanísticos da cidade, muitos grupos ao redor do mundo têm posto em discussão as questões que circundam os espaços públicos e têm tentado proporcionar o uso compartilhado desses espaços, criando novos elos sociais, formas de compartilhar experiências e outras maneiras de estar no mundo. A Internacional Situacionista⁶, criada em 1957, por exemplo, propôs a reapropriação de espaços urbanos, quebrando códigos impostos pelo poder e criando um mapa emocional da cidade que fosse além do desenho previamente concebido com suas ruas, avenidas, viadutos, edifícios, casas e monumentos.

⁶ Oliveira, 2007

Movimentos, como o *Reclaim the Streets*⁷, tentam reocupar as ruas como símbolo por excelência do espaço público, dominado pela cultura da ordem que segundo afirmam, procura manter as pessoas dentro de espaços previamente traçados – residências, escritórios, shopping centers, automóveis -, busca quebrar a normalidade pelo viés do lúdico, do inesperado, da festa. As ruas são lugares para se estar dentro e não para se mover através, propõe o movimento. As festas reinventam a vida e anunciam novas formas de experimentar coletivamente a existência.

As corridas de bicicleta de Massa Crítica⁸, que surgiram em São Francisco, Califórnia, em 1992, e, posteriormente se espalharam pelos EUA, Europa, Canadá, Austrália e outras partes do globo, acontecendo simultaneamente, reivindicavam não somente a construção de ciclovias, leis de defesa do ciclista ou conscientização dos motoristas, mas também uma nova forma de vida, o que implica a ocupação do espaço público de novas maneiras, de forma compartilhada.

Cidades como Barcelona, Bilbao e Toronto entenderam que as cidades possuem funções dinâmicas. A partir dos usos executados pelos e para os cidadãos de todas as raças, religiões e procedências, tiveram a iniciativa de construir espaços coletivos que combinassem multiculturalismo, dinâmica empresarial e convivência dos diversos grupos e etnias embora ainda se perceba a existência de grandes problemas de desterritorialização.

Portanto, resgatar o sentido dos espaços públicos enquanto locais de encontro espontâneo, de sociabilidade, de prática e trocas culturais intensas é fundamental para o resgate da cidade como uma todo. Nesta nova era tecnológica, não podemos, no entanto, ficar presos a velhos conceitos. Precisamos lutar pela permanência de espaços ou *lugares*, mas atentos às novas possibilidades que a era da informação pode nos proporcionar.

⁷ ibidem

⁸ Ibidem

IV – A ERA DA INFORMAÇÃO E AS NOVAS CIDADES COMUNICACIONAIS:

*“Os seres humanos sempre foram moldados pelas ferramentas que usaram.
Do fogo aos implementos da idade do ferro, aos computadores de hoje,
assim como nós moldamos ferramentas, elas por sua vez nos moldam.
A cidade é uma ferramenta complexa e poderosa
que nos criará tanto como nós a criamos. Nós somos ela.
Sejamos muito bons a nós mesmos.”*

Rita Davies

1. MULTIVÍDUOS E A REVOLUÇÃO TELECOMUNICACIONAL

A revolução tecnológica assistida nos últimos anos, principalmente com a criação da internet, vem provocando mudanças fundamentais nas sociedades contemporâneas e, por consequência, na formação e reurbanização das cidades. No entanto, embora não possamos dizer que a tecnologia determina uma sociedade nem que a sociedade constrói as transformações tecnológicas, gostaria de iniciar esse capítulo analisando a fragmentação identitária da sociedade em oposição àquelas identidades construídas pelos Estados ao longo dos últimos séculos. A meu ver, isso possui estreita ligação com a revolução nas telecomunicações, dentre outros fatores. Mesmo sem haver uma relação de causa e consequência entre sociedade e tecnologia, uma coisa é plausível de se afirmar, “tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (Caltells, 1999).

Portanto, com o fim da tensão de um mundo bipolar e o fim de regimes ditatoriais em muitos países latino-americanos, as cidades passaram a viver um novo momento em que a censura não mais reprime com violência física e se começa a assistir algumas transformações na forma de entender o mundo. Neste momento, movimentos feministas e movimentos gays começam a se formar em muitas das grandes metrópoles, reivindicando igualdades sociais. Neste mesmo momento, na Inglaterra, surge uma nova linha de pesquisa, os Estudos Culturais, que analisa o objeto de estudo a partir de seu contexto, procurando voltar-se para questões até então não discutidas, como os movimentos *hiphop*, a cultura de massa, o folclore, dentre outros. Atrelado a todos esses acontecimentos e a uma nova forma de se difundir a informação, passamos a perceber e considerar muitas outras identidades que até então estavam pasteurizadas à luz de uma nação unificada. Contudo, diferente dos séculos atrás, hoje não se denomina mais um cidadão a partir de sua cidade de origem, mas essa se torna, inclusive, sobrenome, tais como (De) Assis, (De) Pádua, Sertã, Coreixas, etc. Hoje o cidadão nasce numa cidade, vive em outra e pode morrer em outra, mesmo que seja de forma virtual, o que possibilita que um cidadão escolha um estilo de vida diferente do local físico que este vive. Acompanhamos aí um processo de construção de cidadão do mundo, no qual não se pode determinar sua origem a partir de suas práticas sociais. Não pretendo aqui dizer que não exista mais distinção entre um país e outro ou entre um cidadão de Paris e outro de São Paulo, mas, de fato, essas diferenciações diminuíram, seja pelo estreitamento dos espaços ou pela rapidez com que uma informação é transmitida a todo o mundo. Como afirma Castells, numa “sociedade pós-industrial é a defesa da personalidade e cultura do sujeito contra a lógica dos aparatos e mercados que substituía a idéia de luta de classe”.

E as transformações não param por aí. Se nas décadas de 60 e 70 viam-se grupos ou pequenas massas lutando por seus direitos civis, hoje encontramos uma multiplicidade de sujeitos. A identidade deixa de ser um estado e passa a ser um processo de constante mudança e construção. O antropólogo italiano Massimo Canevacci⁹ ressalta ainda a idéia de multívíduo em oposição ao indivíduo. No entanto é

⁹ Oliveira, 2007. Página 58

falacioso dizer que estamos gozando de plena liberdade identitária uma vez que as identidades são construídas pela comunicação de massa e pelos contextos socioculturais ou históricos. No entanto, as multiplicações e fragmentações comunitárias – fluídas, momentâneas, instáveis - não excluem identidade, mas sim afirmam uma multiplicidade destas. A internet é um mapa aberto que permite a conectividade de sujeitos diversos, não necessariamente identificáveis, mas cria novas maneiras de estar junto, permite a perambulação, entradas e saídas. Essas idéias são reafirmadas por Negri e Hardt¹⁰, que afirmam o nomadismo universal, a mistura geral, a miscigenação de indivíduos e populações, a conjuntura de eventos e as metamorfoses tecnológicas serem os produtores de novas subjetividades e de novas configurações de resistência.

É importante ressaltar aqui que, em um mundo de fluxos globais de riquezas, poder e imagens, a identidade coletiva ou individual - atribuída ou construída - se torna a grande busca de significado social em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, pela deslegitimação das instituições, pelo enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. É essa sociedade esquizofrênica, dividida entre o global e local, entre o coletivo e o individual, entre o capital e o humano, que precisamos analisar para pensar em uma nova estrutura urbana. Em uma sociedade cada vez mais numerosa, com uma fragmentação social e cultural crescente, não podemos esquecer que as identidades tornam-se mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar, podendo levar a uma guetificação, considerando o outro um estranho, uma ameaça.

Portanto, neste mundo em que as redes globais de intercâmbio conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, observamos um distanciamento entre globalização – como homogeneização - e identidade ou diversidade. E, percebemos a dualidade entre o local e o global, o indivíduo e o multivíduo, *entre a*

¹⁰ Oliveira, 2007. Página 65

*Rede e o Ser*¹¹. Nesse processo, o desafio deste novo século é descobrir como combinar novas tecnologias e memórias coletivas, ciência universal e culturas comunitárias.

2. A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE

A internet originou-se nos EUA na década de 60 por guerreiros tecnológicos (DARPA) para impedir que os soviéticos dominassem ou destruíssem o sistema de comunicação norte-americano. Para tanto, a internet foi criada para ser um conjunto de milhares de redes de comunicação de modo que não pudesse ser controlada a partir de nenhum centro, mas que cada computador pudesse ser autônomo. A internet tornou-se a base de uma rede de comunicação horizontal global composta por milhares de redes de computadores. Agora não mais em guerra, cada usuário civil tem a possibilidade de utilização e criação de conteúdos de uma forma autônoma; os multívduos ganharam um terreno onde podem se proliferar.

Depois da invenção do alfabeto há 2700 anos, a qual transformou as relações sociais, a internet possibilita uma revolução tecnológica de proporções semelhantes na qual há a interação de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou seja, pela primeira vez na história, vê-se a integração das modalidades escritas, orais e audiovisuais em um mesmo sistema de comunicação. A comunicação conta com as multimídias interagindo com diversas linguagens até então renegadas às artes, como o audiovisual, por exemplo. Desse modo, a comunicação, inerente ao homem, agora se processa muito mais por vieses artísticos acrescidos ao cotidiano do que somente pela forma tradicional. A multiplicidade não está apenas na construção do sujeito, mas também nas interações entre os sujeitos. Nesse sentido, a comunicação modelará a cultura uma vez que somos essas linguagens e essas são os meios de comunicação que usamos. Nosso sistema de códigos e crenças historicamente produzido é

¹¹ CASTELLS, Manuel. 1999

transformado a cada novo sistema tecnológico e será cada vez mais e mais rápido, acompanhando também a rapidez com que as tecnologias vão se transformando.

No entanto, embora as novas tecnologias da informação tenham se difundido rapidamente em menos de duas décadas, não podemos esquecer que a maior parte da população mundial, principalmente dos países em desenvolvimento, está desconectada desse novo sistema tecnológico. A velocidade da difusão tecnológica também varia de acordo com os interesses sociais e funcionais. A diferenciação do momento oportuno de dar à determinada população o acesso ao poder tecnológico é o fator crucial de desigualdade nesta nova sociedade que se forma no século XXI. Nesse sentido, embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento principalmente por intermédio do Estado. Mas por outro lado, o incentivo a essas novas tecnologias pode mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos. Mesmo que o processo decisório seja conflituoso, é preciso saber como as sociedades pretendem usar o seu potencial tecnológico e isso será decisivo para qual curso as transformações sociais vão seguir. Contudo, em termos gerais, parece que quanto mais próxima a relação entre locais de inovação, produção e utilização das novas tecnologias, mais rápida será a transformação das sociedades e maior será o retorno positivo das condições sociais sobre as condições gerais para favorecer futuras inovações.

Contrário a esse ciclo de inovação / utilização / nova produção, pode-se perceber a forma com que determinados sistemas de comunicação, sobretudo da sociedade de massa, não vêem a necessidade de receptores particulares, de produtores potenciais, mais “de ‘públicos’, não importa saber nada sobre sua vida cotidiana, suas preferências não-contempladas, mas sim em mantê-la ligada a programações padronizadas” (Canclini, 2003). Nesse processo, é interessante fazer uma breve análise sobre a forma de utilização da televisão. Os programas até então produzidos desconsideravam por completo a existência de um receptor e de múltiplas formas de recepção daquela informação. Atrelado a isso, há o aumento do volume de informação que induz à abstração do poder interpretativo do sujeito de modo que o destinatário/receptor reage cada vez menos às informações a ponto de absorver as informações como verdades

absolutas. O tipo de linguagem utilizada, e aí também nas novas formas de comunicação, eliminam os silêncios que indicam dúvidas ou objeções, os gestos irônicos, as digressões momentâneas, desabilitando o artesanato da comunicação (Sennett, 2008). Embora já se tenha consciência de que há um receptor/produzidor de informação e conhecimento do outro lado da via comunicacional, ainda utiliza-se muito pouco do potencial de interatividade e participação com produção de conteúdos em conjunto que a internet e as novas tecnologias audiovisuais nos proporcionam.

Além da percepção do sujeito-produzidor e não mais do sujeito-receptor, outro processo importante na era da informação e informatização é a mudança nas relações do sujeito com o trabalho. Conforme já enunciado em capítulos anteriores, a autoconfiança no gerenciamento temporal e espacial além da flexibilização do local e tempo de trabalho impossibilitam a distinção entre trabalho e lazer, família e negócios, personalidade e função. Nesse sentido, observamos, por exemplo, que nos Estados Unidos o tempo de lazer diminuiu 37% entre 1973 e 1994 e o tempo dedicado a mídia - como leitura, TV ou filmes - também foi reduzido em 45 horas por ano na segunda metade dos anos 80¹². Embora esses dados pareçam contraditórios, uma vez que a acessibilidade a tais mídias aumentou nas últimas décadas, o que se pode perceber é o consumo excessivo do tempo do sujeito pelo trabalho. Em muitos casos, vemos indivíduos com dois empregos com a finalidade de manter o padrão de consumo induzido pela sociedade contemporânea, o que recai sobre e prejudica o tempo dedicado ao lazer, à criação e ao convívio com outros sujeitos. No entanto, a análise da diminuição do tempo dedicado ao lazer não está ligada somente às amarras invisíveis do trabalho, mas também à falta de atrativos suficientes para aquele sujeito. Tendo em vista que os conteúdos midiáticos não têm acompanhado as transformações tecnológicas, nota-se que a mensagem está evoluindo menos do que os meios. A participação do receptor na construção dos conteúdos multimídia pode ser uma boa alternativa para a atração desses sujeitos não só para o lazer midiático, mas também para a construção da sociedade como um todo.

¹² Castells. 1999. Página 454

Nesse processo, é preciso pensar sobre o que se redistribuiu no espaço urbano nos últimos vinte anos. A imprensa, o rádio, a TV, o vídeo, a informática e as bibliotecas continuam concentradas não só fisicamente, mas também em termos de produção do imaginário coletivo. Portanto, quando, por exemplo, em Bogotá, Caracas ou São Paulo, “os *circuitos* midiáticos ganham mais peso que os tradicionais *locais* na transmissão da informação e imaginários sobre a vida urbana” (Canclini, 2003) vincula-se a oferta cultural à experiência macrourbana de regiões globais, mudando também o sentido da cidade como espaço público, ela passa a ser múltiplos espaços privados concentrados seja em shoppings ou nos grandes circuitos midiáticos.

Com o crescimento da internet e das múltiplas possibilidades de interação e produção, percebemos que, como outrora o telefone estava no cerne das áreas urbanas interligando a diversidade que é a cidade, a internet potencializa as ações do telefone e não só interliga a diversidade como transforma o ciberespaço em um local propício para a criação da diversidade. No entanto, não posso deixar de questionar se a internet interliga a diversidade ou isola o sujeito do mundo real uma vez que ainda não está claro o grau de sociabilidade que ocorre nessas redes eletrônicas e quais as consequências culturais dessa nova forma de sociabilidade. Contudo, uma das vantagens principais da Rede é a possibilidade de múltiplos laços fracos com desconhecidos de um modo igualitário de interação em que as características sociais não são as fundamentais para essa relação; ao contrário, ela deixa de ser um obstáculo para a comunicação. A Rede passa a permitir a ligação de pessoas de diferentes características sociais. Muito embora os relacionamentos virtuais não substituam os físicos, a sociabilidade virtual vem permitindo a quebra desses limites urbanos, estimulando interações jamais possíveis sem esse sistema de redes. Neste sentido, a Internet, mais do que um artefato tecnológico inovador, estabelece um novo espaço e tempo de interação social, dentro dos quais emergem formas novas e diferenciadas de sociabilidade (Guimarães, 2008).

3. AS CIDADES DO CONHECIMENTO E DA CULTURA

Como podemos observar, o aparecimento do ciberespaço determina fundamentalmente a mutação do espaço urbano. Não estou propondo a “substituição da rede de asfalto pela de fibras ópticas enquanto sistema estruturante da Urbe” (Castelles, 1999), mas sim a interação entre a nova tecnologia da informação, os processos de construção da cultura e uma nova forma de viver a cidade. É preciso, no entanto, estar ciente de que essa transformação varia muito em função dos contextos históricos, territoriais e institucionais. Não há um padrão único que deva ser implementado em uma cidade A ou B. Uma característica importante nesse processo transformatório é que essa interatividade entre lugares pode romper os padrões espaciais de comportamento e, com uma rede fluida de intercâmbios, pode formar um novo tipo de espaço: o espaço de fluxos (Castells, 1999), esgarçando cada vez mais as possibilidades de interação na malha urbana.

Nesse contexto, as *idades do Conhecimento* ou *da Cultura* são cidades que se destacam pela importância que dão à informação, ao saber e às comunicações em seu desenvolvimento, assim como à pesquisa, à inovação e à criação. As cidades do conhecimento fomentam a articulação entre universidades, empresas e criadores; facilitam o acesso de todos os cidadãos às novas tecnologias da comunicação; orientam a educação formal e informal, especialmente as aprendizagens de conhecimento e inserções em redes que favoreçam a transformação do cidadão em produtores de cultura e de conhecimento.

Essas cidades potencializam a *multi* ou interculturalidade tornando-se locais não só de conhecimento, mas de reconhecimento das diferenças (Canclini. In: Coelho, 2008). Essas cidades concebem-se, também, como centros de espetáculos, ou ela própria como espetáculo da multiculturalidade que faz coexistir etnias, línguas e modos diferentes de conhecer e imaginar numa mesma cidade; fusões de música, festas e ritos de culturas e épocas diversas. “Estamos nos afastando dos modelos homogenizadores que se imaginaram como consequência da globalização” (Canclini. In: Coelho, 2008).

No entanto, é preciso sempre questionar se as cidades estão se transformando mediante o conhecimento e a cultura ou se estão se convertendo em espetáculos culturais turísticos sem modificar as desordens estruturais. A cidade do conhecimento precisa se transformar também em cidade do reconhecimento das diferenças. Nesse reconhecimento, a cidade deve estimular a criação de espaços de conhecimento, de museus, da cultura e do espetáculo, para assim atrair mais cientistas, técnicos informáticos e criadores que tornarão a cidade mais multicultural. Contudo, não esqueçamos que a “cidade do conhecimento, ou a cidade da cultura, ou a cidade do espetáculo não substituem a cidade histórica, nem a cidade industrial” (Canclini. In: Coelho, 2008). Precisamos adequar a cidade às novas transformações tecnológicas e às novas teorias de gestão da cultura, sem, no entanto, liquidar o que outrora nos foi importante.

Para as cidades da cultura, é importante entender o que seja a gestão da mesma para o cidadão, pois além da transformação do sujeito em produtor ativo de sua cidade, é preciso entender que cultura não é apenas o filme ou o teatro, as artes plásticas ou os museus, mas também o “transporte público limpo, digno e frequente, conduzido por pessoas que sabem estar prestando um serviço público essencial, e não um favor, a outra pessoa que lhe são iguais e não inferiores” (Coelho, 2008). Cultura é também o respeito ao ciclista com vias próprias para essa prática, a segurança para se desfrutar dos espaços públicos que ainda nos restam - sem medidas paliativas, como o fechamento à grade das praças nos grandes centros sobretudo brasileiros.

“Em outras palavras, cultura é também, como propõe Anthony Giddens, *responsabilidade individual reforçada*. Cultura também é, como sugere Néstor Canclini, cidadãos organizados em rede e participando daquilo que é oferecido. Cultura é uma cidade arquitetonicamente sugestiva, que saiba harmonizar as necessidades evidentes de preservação do patrimônio com a acolhida do novo indispensável à vitalização do imaginário” (Coelho, 2008).

Para essa gestão urbana contemporânea da cultura é fundamental que esta esteja integrada à construção da cidade. Os planejadores precisam saber como

determinada linha de desenvolvimento urbano afetará a cultura e como esta pode auxiliar no planejamento. Para isso é imprescindível que a população seja um parceiro ativo nesse processo.

Além de auxiliar no planejamento urbano, a cultura e suas atividades culturais em si possuem um grande potencial para ultrapassar os desafios sociais que muitas cidades enfrentam, como a de criar propósitos comuns entre as comunidades uma vez que os “laços tradicionais de etnia, língua, e religião já não são conexões determinantes” (Davies. In: Coelho, 2008). Além disso, muitas atividades culturais são imãs para atrair pessoas criativas e capazes de cooperar para alternativas aos desafios de nossa sociedade. Muitos destes artistas e criadores, no entanto, frequentemente estão interessados nessa cooperação, mas não “encontram nem a disposição nem a vontade dos poderes públicos em ouvi-los, nem os meios necessários para implementarem seus projetos” (Coelho, 2008).

A questão essencial do presente século não se trata apenas de construir uma cidade, mas de como desenvolver seus cidadãos; de como favorecer o caráter público e coletivo da cultura fomentando o contato dos públicos na cidade; de como utilizar o ciberespaço para aproximar os cidadãos entre si e dos processos decisórios – *e-governos*; de como as localidades acharão seu lugar na nova metrópole planetária, conjugando a tradição com a inovação; de como utilizar as novas ferramentas tecnológicas a favor do sujeito, multívíduo, e não em prol somente do sistema dominante de capital e consumo; de como fazer da cidade uma verdadeira *obra aberta*.

V – ALGUMAS PRÁTICAS QUE MERECEM ATENÇÃO:

Desde meados dos anos 90, algumas cidades ou instituições vêm investindo em ações que potencializam a produção cultural, criativa e tecnológica de suas localidades. Essas iniciativas ganham força no início deste século e têm como principal objetivo mudar os rumos de como as cidades são construídas e a forma com que seus cidadãos relacionam-se entre si ou com as possibilidades tecnológicas.

A cidade de Piraí, situada ao sul do Estado do Rio de Janeiro, passou por uma grande crise na década de 90 com as privatizações das redes hidroelétricas. Neste processo, a cidade - com uma média de 22mil habitantes - sofreu com uma perda de mais de 1200 empregos. Neste ínterim, por volta de 1996, o futuro prefeito da cidade, Luiz Fernando Souza, percebeu a necessidade de transformar a cidade em uma cidade tecnologicamente atrativa não só às futuras empresas que ali se instalariam, mas também ao processo educacional de sua população. O projeto foi lançado em abril de 2002 com o apoio da Universidade Federal Fluminense, do BNDES, da FAPERJ, dentre outras instituições públicas, privadas e não-governamentais.

O projeto consiste em iluminar todo o município com uma rede de comunicação digital de transmissão de voz e dados e, assim, ampliar o desenvolvimento econômico local. O Projeto Piraí digital¹³ tem ainda a visão estratégica de tornar a sociedade um lugar onde o cidadão seja o principal ator na produção, gestão e usufruto dos benefícios de novas tecnologias. No setor de governança, pretende-se modernizar a administração local e estimular a participação pública na gestão da cidade. Já na educação, a informatização das escolas e bibliotecas bem como o uso desta tecnologia nos

¹³ Veja a apresentação em: http://www.pirai.rj.gov.br/piraidigital/show_arquivos/frame.html

processos pedagógicos são os principais objetivos. Segundo Maria Helena Jardim¹⁴, coordenadora educacional do Pirai Digital, o projeto pedagógico foi todo reformulado para atender a uma realidade em que a tecnologia já estivesse na escola. Essas escolas trabalham em rede, não só no sentido da informatização, mas também de aprendizado. A educação a distância foi implementada na cidade de modo que a valorização do conhecimento fosse um processo continuado no projeto Pirai Digital.

Essa iniciativa foi premiada nacional e internacionalmente e serviu como modelo para outras cidades como Juiz de Fora e Ouro Preto, assim como para a região da Baixada Fluminense. No entanto, mesmo sem informações atuais sobre como o projeto se encontra hoje, acredito que a inovação de Pirai foi prever uma cidade digital ainda em meados dos anos 90 e disponibilizar 25mil emails gratuitos enquanto a capital do estado não possuía ao menos um telecentro.

Neste mesmo perfil de desenvolvimento da cidade, vemos que a cidade de Curitiba possui um projeto de Cidade do Conhecimento realizado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc). Dentro deste projeto foram implementados, no ano de 2006, 59 totens multimídias¹⁵, que têm como objetivo a prestação de serviços públicos eletrônicos à população e a inclusão digital.

Instalados em praças públicas, terminais de ônibus, parques, prédios públicos, unidades de saúde e ruas da cidadania, os totens são projetados para áreas internas e externas, possuem telas do tipo *touch screen* (acionada com o toque dos dedos) e fornecem informações sobre serviços municipais como consulta a protocolo, consulta comercial, webmail, horário de ônibus, notícias da Prefeitura, endereços de postos de saúde, telefones úteis, resultados de concursos públicos, Agenda Cultural e também a previsão do tempo de Curitiba com dicas sobre Defesa Civil. Entre maio de 2008 e abril de 2009 foram feitos 2,6 milhões de acessos a esses equipamentos¹⁶. Atualmente, Curitiba tem 56 totens multimídia em funcionamento e um novo serviço de Mapa Digital,

¹⁴ Seminário Nacional de Educação Superior, Educação a Distância e Educação Corporativa realizado pela FGV no Rio de Janeiro em dezembro de 2006

¹⁵ Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/Cidadaos.aspx?id=154&servico=38>

¹⁶ Fonte: <http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/373080/>

que possibilita encontrar o melhor caminho a partir do local onde se está até um endereço desejado.

Além dos totens multimídias, *Curitiba: Cidade do Conhecimento*¹⁷ possui programas escolares para dinamizar e descentralizar o conhecimento, como consulta virtual às bibliotecas municipais, conteúdos online, gramática virtual, bolsas para professores com propostas de inovação de linguagem, dentre outros. Muito embora a cidade do conhecimento em Curitiba se detenha à educação formal da rede municipal de ensino, a iniciativa se destaca da realidade da educação brasileira, fazendo o diferencial para a população da cidade.

A cidade de Barcelona, na Espanha, possui uma trajetória mais longa. A cidade foi um pólo industrial e, durante a ditadura de Franco, teve seu parque industrial desmontado e suas sedes tornaram-se monstruosos fantasmas arquitetônicos. Na década de 80, a cidade começou a construir um plano de desenvolvimento no qual colocava a cultura como mola-propulsora de um novo desenvolvimento para a cidade, o chamado “Modelo Barcelona”. Nesse processo, a identidade catalã foi resgatada bem como a identidade cultural da cidade começou a florescer. Esse plano buscou colocar Barcelona no rol de cidades de referência mundial, as Olimpíadas de 92 é um bom exemplo disso.

O Modelo Barcelona 1996-1999 permitiu que a cidade recebesse mais turistas em busca de suas atrações, neste momento com mais 2 universidades, com o Museu de Arte Contemporânea e com o Centro de Cultura Contemporânea. A cidade passou a tomar para si o título de cidade do conhecimento e adotou novas estratégias nas quais a cultura foi a geradora de riquezas, preconizando a patrimonialização da cidade e a incorporação das manifestações culturais à nova era digital. Mesmo com o Plano Estratégico 1999¹⁸ e com a criação do Instituto de Cultura de Barcelona, mudando os rumos das políticas culturais da cidade, críticos como Manuel Delgado e Horacio

¹⁷ Fonte: www.cidadedoconhecimento.org.br

¹⁸ Fonte <http://www.bcn.es/plaestrategicdecultura/castella/antecedentes.html>

Capel¹⁹ afirmam que os planos transformaram a cidade para os turistas e esqueceram-se dos cidadãos.

No entanto, em 2006, como estava previsto, o plano foi revisado e atualizado - *Nuevos Acentos 2006*²⁰. Antes de me deter às linhas de atuação deste novo plano, é importante ressaltar que este foi um plano realizado pelo *Ayuntamiento* de Barcelona – poder legislativo municipal - e não por uma secretaria de cultura. Houve participação de artistas e cidadãos barceloneses, foi o envolvimento de toda uma administração municipal e de parte da população. Neste novo contexto do século XXI, o plano partia do princípio que a cultura não deveria mais ser um processo para se alcançar um desenvolvimento econômico, como fora em outra época, mas a cultura deveria ser em si a finalidade do plano.

Para tanto, foram criadas mesas de debate as quais propuseram os seguintes programas: 01. *Barcelona laboratório* 02. *Cultura, educación y proximidad* 03. *Barcelona, ciudad lectora* 04. *Programa para el diálogo intercultural* 05. *Barcelona ciência* 06. *Calidad de los equipamientos culturales* 07. *Conocimiento, memoria y ciudad* 08. *Capitalidad cultural de Barcelona* 09. *Conectividad cultural* 10. *Consejo de cultura de Barcelona*.

Hoje, em pesquisa virtual, encontramos algumas iniciativas interessantes, como o espaço virtual dedicado aos jovens²¹, o qual pretende dar toda a assessoria para assuntos relevantes para essa faixa etária. Das atividades e informações lá presentes, uma me chamou mais a atenção: as salas de leituras noturnas. São salas espalhadas pela cidade nas quais o jovem pode estudar e ler sem interrupção além de participar de atividades gratuitas relacionadas ao idioma – uma vez que a difusão do catalão é um dos principais objetivos -, cultura e aprendizado. Para tanto, é disponibilizado ao jovem os locais e horários de funcionamento de cada uma das salas. Foi realizado ainda todo

¹⁹ Fonte: <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/aulasp-jordi-marti>

²⁰ Fonte: <http://www.bcn.es/plaestrategicdecultura/castella/plan.html>

²¹ Fonte: http://w3.bcn.es/XMLServeis/XMLHomeLinkPI/0,4022,121995261_122000210_2,00.html

um plano estratégico voltado aos jovens que deverá ser implementado entre 2006 e 2010²².

Percebendo a diversidade cultural da cidade e o alto nível de migração, há um espaço dedicado a *nova ciutadania*²³, voltado para imigrantes que queiram aprender o catalão ou que busquem informações sobre o plano de trabalho para imigrantes, assessoria jurídica além de um canal de diálogo intercultural²⁴. Para esse diálogo, estão em questão 5 perguntas que devem direcionar as ações interculturais tais como: como valorizar o aumento da diversidade cultural dos últimos anos, ou o que facilita e dificulta o convívio intercultural, etc.

Outro canal importante de diálogo é o *site participa*²⁵ com o slogan: *participa é construir uma cidade entre todos*, no qual a população tem orientações de como participar das ações decisórias da cidade com propostas e sugestões. A participação se faz através de um cadastramento que pode ser individual ou associativo e posteriores sugestões direcionadas pelo próprio site ou audiências públicas ou plenárias. Há também o Programa de *Actuación Municipal*²⁶ na qual diz que um projeto antes de ser aprovado pela comissão de governo – Prefeito, conselho da cidade e outros – passa por um período de um mês de audiência pública. Esse programa contou para sua elaboração com a participação de mais de 28mil cidadãos das mais diversas formas como telefone, *blog*, mensagem via celular, vídeos, ações distritais, questionários etc.

Para a cidade do conhecimento, ainda há uma série de *sites*, como o *canal cultura*²⁷ - que disponibiliza a programação cultural da cidade bem como entrevistas e reportagens - e o canal *conocimiento*²⁸ - que pretende disponibilizar informações sobre todo tipo de conhecimento. Já para a estrutura física da cidade em si, há outro *site* no qual encontramos todas as formas de transporte público da cidade, chamado *movilidad e transporte*²⁹. Neste, destaca-se o *bicing* -, que é o aluguel de bicicletas em terminais de troca -, os ônibus e bondes elétricos além do *carsharing* – através do qual é possível

²² Fonte: <http://www.bcn.es/projectejove/catala/index.html>

²³ Fonte: http://www.bcn.cat/novaciutadania/index_es.html

²⁴ Fonte: <http://213.162.212.157/esl/Punto-de-partida/Las-5-preguntas>

²⁵ Fonte: http://www.bcn.es/participacio/es/p_temes.htm

²⁶ Programa de Actuación Municipal (PAM): http://w3.bcn.es/XMLServeis/XMLHomeLinkPI-PAM/0,4448,294052930_299033658_2,00.html

alugar um carro com um cartão em um determinado ponto da cidade e deixá-lo em outro. Com essas políticas de transporte, estimula-se outra forma de mobilidade pela cidade de modo que não se prejudique o coletivo.

Nessa mesma perspectiva, está havendo um processo participativo chamado *Idea diagonal*³⁰, que consiste em finalizar a rua “diagonal” que corta a cidade. Esta rua foi criada para ser um passeio público em 1859 e depois de duas reformas, falta apenas a abertura para a praça *Las Glories*. No entanto, a idéia é resgatar o principal uso da rua - que hoje está destinada a uso de carros particulares – e, com isso, a identidade e a memória coletiva da mesma, diminuindo o uso desses veículos e incentivando o uso da bicicleta, do pedestre e de algum tipo de transporte público. Para tanto, está havendo um processo participativo para saber o que a população faria com a “diagonal” e para estimular o debate sobre possíveis alternativas.

Nesse movimento de transformar a cidade sob a perspectiva cultural, a cidade de Toronto vem trabalhando com seus planos de cultura há 35 anos e, no ano de 2008, produziu um material explicando a importância de se valorizar a cidade criativa: *Creative City Planning Framework*³¹. Com esse objetivo, a administração municipal da cidade de Toronto em parceria com iniciativas privadas, universidades e a comunidade local vem desenvolvendo uma serie ações para incentivar a criatividade nos cidadãos bem como estimular a migração de pessoas criativas.

A aposta na *Cidade Criativa* vem da perspectiva de que pessoas criativas têm a tendência de buscar soluções eficientes para diversos problemas urbanos. Essa esfera criativa possui estreita correlação com a competitividade econômica em que “novas idéias alimentam novas riquezas ao transformar nossos recursos existentes em algo mais produtivo, empolgante e lucrativo”, afirma Rita Davis³². Neste sentido, a

²⁷ Fonte: http://w3.bcn.es/V54/Home/V54XMLHomeLinkPI/0,4152,124044670_124048611_2,00.html#

²⁸ Fonte: http://w3.bcn.es/XMLServeis/XMLHomeLinkPI/0,4022,339756680_370128486_2,00.html

²⁹ Fonte: http://w3.bcn.es/XMLServeis/XMLHomeLinkPI/0,4022,173198596_173206177_2,00.html

³⁰ Fonte: <http://www.bcn.cat/diagonal/#>

³¹ Fonte: <http://www.toronto.ca/culture/cultureplan.htm>

³² Em artigo *A Cultura é o futuro das cidades*, publicado em *A Cultura Pela Cidade*. São Paulo : Iluminuras, 2008

diversidade está à frente das ações planejadas, pois a cidade é formada por 50% de imigrantes que buscam em Toronto a qualidade de vida e o ambiente criativo.

Uma das ações relevantes na cidade foi o episódio em que uma área degradada da cidade atraiu muitos artistas pelo baixo custo dos aluguéis. A presença desses artistas criou um tipo de vizinhança vibrante de modo que muitas pessoas queriam viver e investir neste lugar. Com a grande procura, os preços dos aluguéis aumentaram e os artistas foram pressionados a se mudarem para outra parte da cidade. Nesta ocasião, a cultura, adaptada à política “Sem perda Líquida do Espaço Cultural” para novos empreendimentos, junto com o departamento de Planejamento econômico e jurídico e com a comunidade artística, fizeram pressão para que o espaço acessível aos artistas fosse delimitado a fim de que eles pudessem continuar trabalhando e vivendo ali.

Hoje, com as atividades ainda em planejamento, podemos destacar algumas práticas relevantes para o estímulo à criatividade como o projeto *art happening in your neighbourhood*³³, que consiste em uma série de oficinas e cursos cada qual envolvendo uma faixa etária específica e uma atividade diferente como desenho, *hiphop*, ópera, literatura – estímulo a escritores –, produção de documentários, dentre outros.

Além dos *sites* que estimulam a participação na administração pública³⁴, na vida cultural da cidade³⁵, há também um espaço virtual no qual há orientação³⁶ quanto às possibilidades de empregos para as várias faixas etárias, como abrir uma empresa etc. Outro programa interessante é a assistência às crianças de famílias pobres; elas recebem aulas de informática e, depois de finalizado o curso, recebem em sua casa um computador com acesso à internet para uso não só da criança, mas também de toda a família. O estímulo à arte pública é outro fator interessante no despertar para a criatividade dos cidadãos em Toronto. A municipalidade prevê uma verba anual para estimular a produção de obras de arte públicas.

³³ Fonte: <http://www.livewithculture.ca/artsinthehood/index.html>

³⁴ Fonte: <http://www.toronto.ca/civic-engagement/index.htm>

³⁵ Fonte: <http://www.toronto.ca/culture/>

³⁶ Fonte: <http://www.toronto.ca/culture/>

Dentre todos esses exemplos citados, não há um que seja um modelo estático a ser seguido, mas práticas que merecem atenção e análise. O mais significativo de todas essas experiências é a vontade de colocar em debate os rumos que a cidade pode seguir, a tentativa de estimular a participação coletiva na gestão municipal e a decisão de dar à comunidade as ferramentas tecnológicas necessárias para aproximar seus cidadãos. Em todos os casos foi fundamental uma análise conjunta da sociedade para buscar alternativas que mudassem a estrutura social em questão e nesse processo, a cultura foi o fator principal para alavanca essas iniciativas.

VI – CONCLUSÃO:

Como podemos observar, não somente neste trabalho mas também em todos os dias que saímos às ruas, estamos vivendo um momento de mudanças, principalmente tecnológicas. Em alguns momentos, é difícil percebermos essas mudanças radicais, pois essas acontecem dia a dia, ano a ano. Se pensarmos em como vivíamos nos anos 70, 80 e início dos 90, não só em termos tecnológicos mas também sociais, o que percebemos de diferente? Fato é que a revolução tecnológica está em plena atividade e a nossa sociedade é a responsável por tomar as decisões de quais rumos seguiremos; como nos utilizaremos dessas mudanças. É notório que as problemáticas urbanas do último século se perpetuam na contemporaneidade e precisamos lançar mão das ferramentas contemporâneas para solucioná-las.

Parece que no final do século XX e início do século XXI, a cultura ganha força nos debates urbanos e, em alguns momentos, vemos a tentativa de colocar essas práticas como as ordenadoras do discurso contemporâneo. Pesquisadores importantes como Canclini enfatizam a necessidade de programas que reduzam as desigualdades de acesso à cultura e do exercício criativo - só desta forma poderemos conjugar a coesão social com as diferenças culturais. Além disso, enfatizam ainda que se garantam espaços públicos e circuitos comunicacionais para que cada grupo possa manifestar o que para ele é significativo. “Dando-se tais condições, já se terá quase tudo para que os consumidores e criadores culturais se transformem em cidadãos.” (Canclini, 2003)

Neste processo de construção do discurso, é fundamental o debate para não acabarmos no autoritarismo do Estado. Com esses debates começaremos a perguntar “Que cidade queremos ou que sociedade pretendemos ser? Torna-se necessário, sobretudo, valorizar as relações sociais e práticas que necessitamos ou pensamos, ao invés de tentar modelar cidades?” (Campos, 2004). Como congregamos a era da informação, da alta tecnologia e dos fluxos com os usos da cidade e do planejamento dessa para que se viva a cidade como um ponto nodal de comunicação, de troca de convivência e de interação?

Estamos em plena era da informação e é preciso que as cidades, unidade de troca e comunicação, se adaptem a ela. É preciso que as cidades não só sejam locais de armazenamento de memórias, como de fato precisam ser, mas precisam ir além, precisam produzir conhecimento. Mas, para isso, é necessário que os centros culturais ou espaços públicos tornem acessíveis uma vasta e diversificada coleção de registros de conhecimentos, como filmes, livros, fotos vídeos e outras formas de suporte que a tecnologia possa criar. Não basta apenas a acessibilidade, é imprescindível que haja estímulo ao manuseio e a descoberta da informação que cada um possa se interessar, pois essa é apenas uma parte do processo, é a perspectiva do “ter” cultura. Mas, junto deste processo, há a perspectiva do “ser” cultura que possibilita a transformação, a inquietação, a criação. Nesta perspectiva, é através desse conhecimento adquirido que o indivíduo cria seus discursos de vida, conduz sua ação, participa, integra, comunica, provoca, significa e decide.

É nesse processo de “ter” e “ser” que o indivíduo ganha vida e, portanto, dá vida à cidade, pois o que é a cidade se não as pessoas que se comunicam, que trocam, que integram, que criam e que decidem? Essa difusão do conhecimento precisa ser adequada às características de cada cidade de modo a atender às necessidades de toda a população sem que haja a concentração de conhecimento. Talvez seja através dessa descentralização do conhecimento que possamos diminuir a desigualdade social. Acho que está claro que quando falo em difusão de conhecimento, não falo da forma convencional que estamos acostumados a receber nas instituições de ensino, por isso

atrelo aqui a cidade como fonte desse conhecimento para que seja de uma forma livre e, portanto, estimulante a qualquer um.

É nessa perspectiva que as novas tecnologias podem contribuir fundamentalmente na difusão deste conhecimento, seja com acesso gratuito à internet de boa qualidade em qualquer lugar da cidade, seja por infocentros, seja por painéis eletrônicos pela cidade, bibliotecas públicas com amplo acesso, centro culturais, museus, feiras ao ar livre ou o que mais a imaginação humana puder inventar. Essas novas tecnologias podem desmistificar o conhecimento e impedir a sensação de incômodo que determinadas classes sociais têm em frequentar os espaços já institucionalizados do conhecimento.

É importante que os habitantes de uma cidade tenham a sensação de que, ao menos no que tange ao conhecimento, têm os mesmos direitos. Se esses habitantes tiverem a perfeita noção do que é o lugar onde vivem, do que é possível ou não ser feito, do que seus concidadãos estão realizando, estes finalmente estarão vivendo a cidade, estarão se comunicando, trocando experiências e a cidade estará construída para seus habitantes e não para o consumo. Usemos os produtos gerados pela nossa sociedade para estimular as trocas humanas e não para estimular o acúmulo egoísta de bens materiais ou o isolamento, conseqüente da desigualdade gerada por esse acúmulo.

“O direito à vida urbana renovada, transformada, diz respeito à apropriação da cidade como lugar que se habita, como obra de participação e criação coletiva, como domínio do valor de uso – à forma como a cidade é usada e por quem habita – em oposição ao valor de troca, que se refere aos espaços comprados e vendidos, o consumo dos produtos, dos bens, dos lugares e dos signos das cidades. O direito à cidade, entendido como direito à liberdade, à individualização dentro da socialização, ao habitat e ao habitar, o que implica atividades participantes e apropriação – do tempo, do espaço, do corpo, do desejo -, apresenta-se como forma superior de direito” (Lefebvre, 2001).

É preciso recolocar o sujeito na rota das artes, lazer e produção de cultura, tirá-lo do estado anestésico que se encontra, pelas relações de trabalho/consumo e permitir

que este multívíduo viva a cidade. As ferramentas tecnológicas e a gestão para a cultura serão o carro-chefe para essa transformação.

VII – BIBLIOGRAFIA

BOUNDON, Raymond. 1995. Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1995, pp. 65, 77-89, 102, 492, 493, 494, 512,561-4.

CAMPOS, Antonio Carlos. Vol. IX, nº 546. *A cidade, espaço de convivência.* Barcelona : s.n., Vol. IX, nº 546, 2004.

CANCLINI, Nestor García. 2003. *A Globalização Imaginada.* São Paulo : Ed Iluminuras, 2003. pp. Introdução, Capítulos 1, 4, 7 e 8.

CASTELLS, Manuel. 1999. *A era da informação: economia, sociedade e cultura.* São Paulo : Paz e Terra, 1999. pp. Prólogo, Capítulo 1, 5 e 6. Vol. A Sociedade em Rede.

—. *O poder da Identidade.* s.l. : Ed Paz e Terra. p. Capítulo 1. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. Vol. Volume II.

CERTEAU, Michel de. 2007. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer.* Petrópolis : Ed Vozes, 2007. p. Introdução Geral e Capítulo IV.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior, STELZIG, Sabina. Sobre trajetórias de sociabilidade: a idéia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais.

FOUCAULT, Michel. 2008. *A Ordem do Discurso.* São Paulo : Ed Loyola, 2008.

GUIMARÃES, Mário José Lopes Jr. A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade. . [Online] [Citado em: 08 de Setembro de 2008.] <http://www.cfh.ufsc.br/~guima>.

IÑIGUEZ, Lupicinio. 2004. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.* Petrópolis : Vozes, 2004. pp. Capítulo 3. A Análise do discurso nas Ciências Sociais: Variedades, tradições e práticas.

JACOBS, Jane. 2001. *Morte e Vida das grandes cidades.* s.l. : Ed Martins Fontes, 2001. p. Capítulo 7 Os geradores de diversidades.

JORDÃO. 2008. Sociabilidade . [Online] 08 de Setembro de 2008. <http://cyberspace.no.sapo.pt/sociabilidade.htm>.

KNIGHT, Peter T. 2004. *Piraí Município Digital. Banco Hoje.* 2004. p. 38. <http://www.tedbr.com/publicacoes/bancohoje2004/bancohoje6-04.htm>.

LEFEBVRE, Henri. 2001. *O Direito à cidade.* 5ª edição. São Paulo : Centauro, 2001.

LÉVY, Pierre. 2002. *Ciberdemocracia.* s.l. : Ed Odile Jacob/ Instituto Piaget, 2002. p. Capítulo 2 . Os primeiros passos da ciberdemocracia.

MACHADO, Idalina. Sobre vivências urbanas: Estilos de vida e práticas sociais em contexto de requalificação urbana. Vol. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia.

OLIVEIRA, Lúcia de. 2007. *Corpos Indisciplinado. Ação Cultural em tempos de Biopolítica.* São Paulo : Ed Beca, 2007.

Piraí: Município Digital. **SADAO, Edson.**

PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: Abordagens contemporâneas.* s.l. : Ed Fiocruz. p. Capítulo 2. Foucault: a história dos saberes e das práticas.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. 2005. Lugar, lugar comum e não-lugar. 2005.

— **2005.** Requalificando os Centros Urbanos. Setembro, 2005.

SENNETT, Richard. 2008. *A cultura do Novo Capitalismo.* 2ª Ed. Rio de Janeiro : Editora Record, 2008. pp. Introdução, Capítulo 1 Burocracias e Capítulo 3 A política do consumo.

— **2002.** *O Declínio do Homem Público. As Tirantias da intimidade.* [trad.] Lygia Araujo Watanabe. São Paulo : Campanhia das Letra, 2002.

TEIXEIRA COELHO. 2008. *A Cultura pela cidade.* São Paulo : Iluminuras, 2008.

VAZ, José Carlos, SIMÕES, José Geraldo Jr. 1994. Os Muitos Centros de uma cidade. 1994, Vol. DICAS nº 17.

— **1995.** Vida Nova para o centro da cidade. 1995, Vol. DICAS nº 31.